

“Eurides dizia que cairíamos”

LUCIANA NAVARRO
REPÓRTER DO JB

À frente da Secretaria de Educação, Maria de Fátima Guerra disse buscar democratizar as decisões do órgão e ampliar a participação da comunidade em todas as partes do processo de ensino aprendizagem dos alunos das escolas da rede pública. Potiguar, mora há 20 anos na capital federal. Professora universitária, continuava ligada à realidade das salas de aula. Nos 58 dias de mandato, quis ressaltar a importância dos investimentos em qualificação dos professores. Em sua carreira como professora, tornou-se PhD em Educação Infantil pela Universidade do Estado de Ohio, nos Estados Unidos, e mestre em Psicologia Educacional na Área de Concentração em Aprendizagem pela Universidade de São Paulo (USP). Graduiu-se em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

– A senhora deixou o cargo por causa da deputada Eurides Brito?

– Já estávamos sentindo a

interferência da deputada Eurides há muito tempo. Na reunião com o Benjamim Roriz e a vice-governadora (Maria de Lourdes Abadia) fomos apenas comunicadas.

– Como a senhora foi comunicada da decisão do governo?

– O Benjamim Roriz nos disse que não estava sendo possível uma relação harmoniosa entre a secretaria e a

deputada Eurides Brito, líder do governo na Câmara Legislativa, e por isso, embora constrangido, estava nos informando da exoneração do cargo.

– O governador não conversou com a senhora sobre o assunto?

– Eu perguntei para o Benjamim se o governador nãoalaria conosco, mas ele me disse que o governador estava com muitos problemas e era muito emotivo, mas que estava sentido mal com a nossa saída.

– A reunião foi logo após a audiência da senhora com o ministro da Educação, Cristovam Buarque, que não mantém um bom relacionamento com o governador Ro-

riz. A senhora acha que isso influenciou a decisão dele?

– Pode até ter sido, mas tem a ver mesmo com a promessa da Eurides que dizia, segundo várias pessoas nos contavam, que nós cairíamos antes do carnaval.

– Por que a senhora acha que a deputada não quis vê-la na secretaria?

– Na minha perspectiva, aconteceu uma divergência de orientação. Ela virou dona da secretaria, que deixou de ser um lugar onde se trata de educação e passou a ser um espaço político eleitoral. Ela formou uma escola ali. Eu nunca pensei que a ditadura não tivesse acabado. Há pessoas absolutamente dignas, mas há aquelas com orgulho em dizer que são do grupo Eurides Brito.

– Ela atrapalhou a sua gestão na secretaria?

– Eu não pude nem escolher a minha equipe de cinco pessoas. Quando vim conhecer a secretaria ela me apresentou ao Sinval Lucas dizendo que ele seria o meu futuro secretário adjunto e que estava sendo criada uma lei para esse cargo. Ele ficou sendo meu chefe de

gabinete até que percebi que ele era o representante legítimo da deputada.

– Mas a senhora escolheu a Helena Sandoval. O governador aceitou a escolha?

– No início me apoiou bastante, mas aí ela (Eurides) voltou de viagem e exigiu do governador que tirasse a Helena.

– A senhora ficou constrangida?

– Não. Me sentiria se tivesse sido uma marionete nas mãos de Eurides Brito. Eu dizia que não tinha vocação para rainha Elizabeth nem para pedir a benção. Me sinto frustrada porque não tive tempo. Sei que plantei sementes na secretaria, mas elas precisam de tempo para florescer.

– O que a senhora diria ao governador?

– Diria que estou tranqüila e entendo a atitude dele, mas lastimo a opção pelo arcaico, pelo que não é o melhor para a educação.

– A senhora pregou maior participação da população nas atividades da secretaria...

– A gestão democrática precisa ser trabalhada no DF.